

## SIMPÓSIO AT016

### A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE GÊNERO NO FALAR DO QUILOMBO CAMPINA DE PEDRA NO MUNICÍPIO DE POCONÉ-MT

MACEDO-KARIM, Jocineide  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
jocineidekarim@yahoo.com.br

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo investigar a variação na concordância nominal de gênero no falar da comunidade quilombola Campina de Pedra, localizada na área rural da cidade de Poconé em Mato Grosso. Na análise utilizamos um *corpus* composto por entrevistas guiadas por meio de um roteiro de perguntas e narrativas das experiências vividas pelos entrevistados. Os critérios para a seleção do entrevistado da pesquisa são: a) pertencer a uma das duas faixas-etárias: a primeira de 18 anos a 48 anos e, a segunda, acima de 55 anos; b) ser nativo da cidade de Poconé; c) pertencer à comunidade quilombola Campina de Pedra. Nos resultados da coleta de dados constatamos o uso do masculino em vez do feminino na concordância nominal, como nos exemplos: (1) *Ermã meu chamava Brigida...o marido dele tchamava Djuliano*; (2) **Esse Nossa Senhora** aqui tinha uma dona que morava ali **gente estranho**. No conjunto da amostra analisada, foram depreendidas 162 ocorrências entre a variável presença e ausência de concordância nominal de gênero no sintagma nominal e verbal em palavras femininas. Desse modo, é possível uma primeira caracterização dos contextos em que ocorre a variação na concordância de gênero no falar da comunidade Campina de Pedra.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Variação; Concordância nominal de gênero; Comunidade Quilombola.

**Abstract:** This article aims to investigate the variation in nominal gender agreement in the talk of the quilombola community Campina de Pedra, located in the rural area of the city of Poconé in Mato Grosso. In the analysis we used a corpus composed of guided interviews through a script of questions and narratives of the experiences lived by the interviewee. The criteria for selection of the research informant are: a) to belong to one of the two age groups: the first from 18 years to 48 years, and the second from 55 years; b) be native of the city of Poconé; c) belong to the quilombola community Campina de Pedra. In the results of the collection of data we find the use of the masculine instead of the feminine in the nominal agreement, as in the examples: (1) *Ermã my called Brigida ... his husband called Djuliano*; (2) **This Our Lady here had a mistress who lived there strange**. In the sample, 162 occurrences were detected between the variable presence and absence of gender nominal agreement in the nominal and verbal syntagm in female words. Thus, it is possible to first characterize the contexts in which the variation in gender agreement occurs in the Campina de Pedra community.

**Keywords:** Sociolinguística; Variation; Nominal gender agreement; Community Quilombola.

## Introdução

Com base na teoria da Sociolinguística Variacionista de Labov (1972) buscamos, neste artigo, descrever a variação na concordância nominal de gênero, ou seja, o uso do masculino em vez do feminino na concordância nominal que ocorre no falar da comunidade quilombola *Campina de Pedra*, localizada na área rural da cidade de Poconé em Mato Grosso.

## Caminhos metodológicos

### 2.1 A coleta de dados na comunidade *Campina de Pedra*

Iniciamos as entrevistas por meio de conversas informais sobre diversos assuntos, por exemplo: a família, o trabalho, a formação da comunidade, o que de certa forma, rompia com a formalidade da entrevista, deixando o participante mais à vontade. De acordo com Labov, uma maneira de superar o paradoxo do observador “é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja” (LABOV, 1972/2008, p. 244-245).

Logo após a conversa inicial, preenchíamos a ficha do participante com seus dados pessoais. Na sequência passamos para o segundo momento e aplicávamos o questionário com o roteiro da entrevista. O questionário contém 41 perguntas elaboradas com o propósito de abarcar aspectos linguísticos e culturais da comunidade, distribuídas em quatro temas: (1) A comunidade quilombola *Campina de Pedra*; (2) A cultura na comunidade; (3) O falar da comunidade; (4) As pessoas de fora da comunidade.

### 3. Comunidade Quilombola *Campina de Pedra* em Poconé-MT

Na busca de informações sobre as comunidades quilombolas do Estado de Mato Grosso nos sites da Fundação Cultural Palmares e no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA<sup>1</sup> há o registro de trinta e

---

<sup>1</sup> Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária  
<http://www.incra.gov.br/sites/default/files/incra-perguntasrespostas-a4.pdf>

três comunidades quilombolas no município de Poconé dentre elas a comunidade quilombola *Campina de Pedra* selecionada para a realização deste estudo sobre variação linguística.

Em relação à educação escolar observamos por meio dos depoimentos da comunidade em estudo, que existe muita dificuldade, pois atualmente a Escola Municipal Benedito Mendes Gonçalves<sup>2</sup>, está desativada. Desse modo, para frequentar a escola, os estudantes da comunidade estão se deslocando diariamente para a comunidade denominada de *Chumbo* desde as crianças da alfabetização até os alunos que cursam o Ensino Médio.

As famílias da comunidade quilombola *Campina de Pedra* mantêm seu sustento, com a produção agrícola, com o plantio de cana-de-açúcar, milho, banana e a criação de gado. A comunidade possui engenho elétrico para a produção de açúcar mascavo, rapadura, melaço e balas de banana que são comercializadas nos mercados na cidade de Poconé. Observamos que o trabalho da produção de rapadura é pesado, porém os quilombolas não reclamam dessa tarefa eles têm satisfação de desenvolver seus trabalhos e não se lastimam pela condição de produção.

### 3.1 Uso do masculino em vez do feminino no falar da comunidade *Campina de Pedra*

Exemplos:

- (1) **Esse Nossa Senhora** aqui tinha uma dona que morava ali **dgente estranho**. (F741)<sup>3</sup>.
- (2) O **marido dele**... a muié tão bonita que era...mas só que esse home saia... la **ele** pra casa de minha mãe soca arroz assim...**ele** só cum minininho... Aí **ele** falava assim oh dona hodje passei um pirigo era aquele tropé de catchorro.(F741).

---

Acesso: 12.11.2016.

<sup>2</sup> Nome do fundador da comunidade e avô do líder entrevistado.

<sup>3</sup> Código do participante da pesquisa.

- (3) Quase o lobsome me comeu...arrodio a casa... E era o marido dela... O marido dela quiria come ela... Ai virô aquela catchorriada mas **ele** fazia tanta oração né era o **marido dele** que fazia. (F741).
- (4) A fala dotra parte de **dgente estranho**. (F741).
- (5) **Ermã meu** chamava Brigida... o marido **dele** tchamava Djuliano. (F97S).
- (6) Ai eu foi outra vez fazê um passeio lá uma visita pa mea ermã que o **marido dele** tinha morrido eu foi fazé uma visita prela lá... (F97S).
- (7) Semana passada morreu **uma cunhada meu** aqui em Poconé. (F97S).
- (8) Porque tem muita **dgente estranho** que tchega **ele** reconhece. (F741).
- (9) De noite num era capaiz nem duimi co dor **no meu mão** de quentura de. (F741).

### 3.2 A variável dependente: presença *versus* ausência de concordância de gênero

A variável dependente a ser analisada é constituída pela atuação ou não do mecanismo de concordância nominal de gênero no sintagma nominal e verbal somente em palavras femininas. A partir da observação do uso na comunidade, selecionamos as variantes linguísticas: *presença e ausência de concordância*, essa última subdividida em: *ausência total e interfrasal*. Os casos em que todos os constituintes do sintagma nominal estão marcados para feminino, concordando com o núcleo do sintagma foram classificados como *presença de concordância* de gênero, tal como ilustram os exemplos a seguir:

(10) da família (F741),

(11) a luta. (F741).

No exemplo (10), o falante aplicou plenamente o mecanismo de concordância de gênero no interior do sintagma nominal. Já no exemplo (11) o nível estrutural em que se dá a concordância é o sintagma verbal. No caso de ausência de concordância de gênero como já mencionado, temos duas

possibilidades: *ausência total de concordância de gênero* e *ausência interfrasal*. Exemplificamos logo a seguir com trechos selecionados das falas dos participantes da pesquisa:

(12) muita **dgente estranho** eu considero muito essa **dgente estranho**. (F741). No exemplo (12), temos um caso de *ausência total de concordância de gênero* no nível do sintagma verbal, o constituinte que funciona como predicativo não recebeu a marcação de gênero para concordar com o sujeito do sintagma.

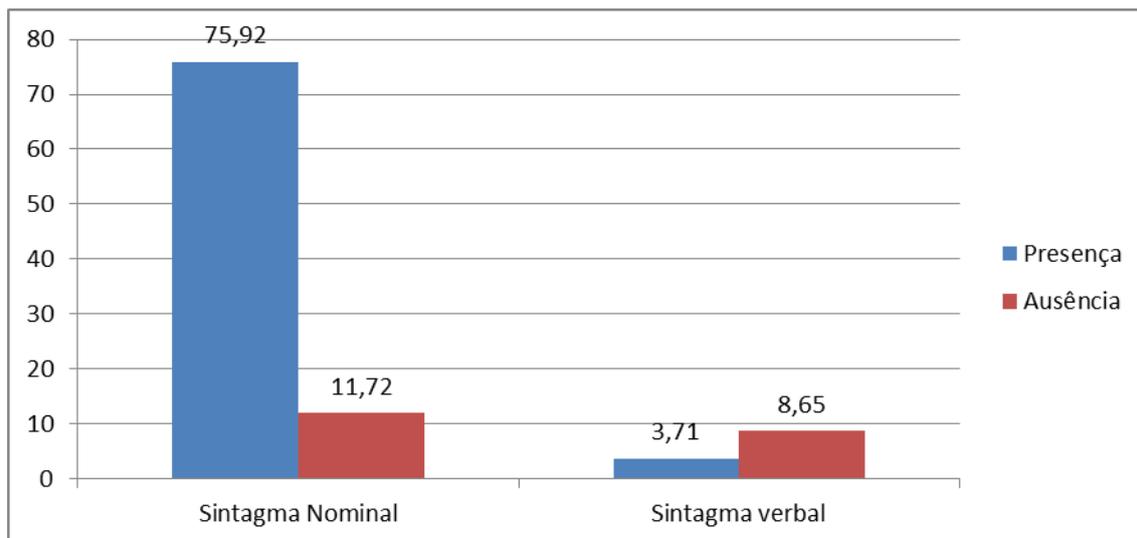
(13) **Esse minina minha... Esse minina** num perde uma festa... (F741). Conforme o exemplo número (13), temos também um caso de *ausência total*, de concordância, porém no nível do sintagma nominal, pois, o determinante não recebeu a marca de gênero para concordar com o núcleo do sintagma.

(14) [...] nem um niversário nem nada...**ele gosta** muito de dança...mas **esse gosta...esse daí** putcho o pai...o pai **dele** Nossa Senhora. (F741)<sup>4</sup>. O exemplo (14) observado nos dados é o caso de *ausência interfrasal*. Nesse caso a ausência de concordância se estabeleceu na ligação anafórica, que vai além do limite da oração ou sentença. Apresentamos por meio do gráfico 1, os resultados das análises estatísticas da variação de concordância de gênero no sintagma nominal e verbal. No conjunto da amostra analisada, foram depreendidas 123 ocorrências de presença de concordância nos sintagmas nominais femininos, e 06 casos em que a relação de concordância se estabelece no nível do sintagma verbal em palavras femininas. Já o uso do masculino no lugar do feminino (ausência de concordância) é atestado no falar dos participantes da pesquisa, mas em índices diferentes: foi registrado um total de 33 ocorrências, sendo 10 ocorrências no (SV) e 23 ocorrências de (SN). Observamos ainda que as ocorrências *ausência de concordância de gênero* foram marcadas na fala de apenas três participantes da pesquisa, sendo duas mulheres, uma com idade de 74 anos e outra com 97 anos, além

<sup>4</sup> No exemplo (14) os pronomes *ele*, *esse*, *dele* se referem à filha da entrevistada, nesses casos ela utiliza o masculino no lugar do feminino.

de 01 homem de 55 anos. A seguir apresentamos o gráfico 1, com os resultados das frequências da concordância nominal de gênero no sintagma nominal e verbal em palavras femininas no falar da comunidade em estudo.

**Gráfico 1:** Presença *versus* ausência de concordância de gênero no falar do Quilombo Campina de Pedra.



Fonte: dados otidos por meio de entrevistas na comunidade.

O que se observa no gráfico 1 é um contraste acentuado quanto à aplicação da regra de concordância de gênero segundo o nível analisado, seja na presença de concordância ou ausência de concordância no Sintagma Nominal ou o Sintagma Verbal. No primeiro caso, 75,92 % dos dados apresentou *presença de concordância de gênero*, no nível do Sintagma nominal o que corresponde a 123 ocorrências, e apenas 3,71 % (06 ocorrências) no nível do sintagma verbal. Os 20,37 % restantes de ocorrências se distribuem na *ausência de concordância* que totalizou 33 ocorrências sendo 8,65% (14 ocorrências) no sintagma verbal e 11,72% (19 ocorrências) no sintagma nominal. Desse modo, é possível uma primeira caracterização dos contextos em que ocorre a variação na concordância de gênero. O emprego da concordância, segundo a norma padrão, está, principalmente, circunscrito ao nível do SN, em que encontramos um alto índice de presença de concordância. Observa-se, por outro lado, que o entrevistado da comunidade *Campina de*

*Pedra* utiliza a regra de concordância no SV com uma frequência bem menor que no SN; já, a regra padrão regional – *ausência de concordância* atingiu 20,37 % de aplicação da regra. O contraste na aplicação da regra está bem marcado, por um lado o alto índice de *presença de concordância* e por outro, índice menor para a *ausência de concordância de gênero*. Esses resultados mostram que a comunidade afrodescendente altera a aplicação da regra. Mesmo o resultado de a regra padrão regional apresentar um índice menor ele é significativo na comunidade.

### Considerações finais

Neste artigo verificamos que a variação na concordância nominal de gênero ocorre em variedades do português popular falado no Brasil e em Portugal<sup>5</sup>. No Brasil esse uso linguístico também foi atestado em São Paulo (AMARAL, 1920/1982); em Minas Gerais (TEIXEIRA, 1938); na Bahia (FERREIRA, 1994; LUCCHESI, 2000), na área rural do Paraná (NAVARRO & AGUILERA, 2009); em Mato Grosso, no falar dos índios do Parque Nacional do Xingu (LUCCHESI & MACEDO, 1997); no dialeto da baixada cuiabana (DETTONI, 2003), em Cáceres (MACEDO-KARIM, 2004; 2012). Nos estudos mencionados os autores trataram a questão do gênero como resultado de processos distintos: traços do português arcaico, probabilidade da existência de crioulização no português do Brasil; contatos linguísticos do português com línguas indígenas e africanas ocorrido no processo de colonização.

### Referências bibliográficas

AMARAL, Amadeu (1920). **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. 4<sup>a</sup>. ed. São Paulo, SP; Brasília, DF: HUCITEC: INL, 1982.

---

<sup>5</sup> A ocorrência desse uso em Portugal está registrada no ano de 1725. Em D. Jerônimo Contador de Argote, texto reproduzido por Silva Neto (1970, p. 562), no diálogo entre um mestre e o seu discípulo, há referência ao falar de *Douro* e *Minho*. Sobre os moradores dessa região é feita a seguinte observação: “fazem a alguns nomes masculinos femininos, e aos femininos, masculinos: *O fim* dizem *Afim*; *A febre* dizem *O febre*”. Observamos que o segundo caso assemelha-se ao observado na comunidade Campina de Pedra.

DETTONI, Rachel do Valle. (2003). **A concordância de gênero na anáfora pronominal**: variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG.

FERREIRA, Carlota. et. alli. (1994). **Diversidade do português do Brasil**; estudos de dialetologia rural e outros. 2. ed. Revista. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA.

LABOV, William. (1972). Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008.

LUCCHESI, Dante. (2000). **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira**: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras.

MACEDO-KARIM, Jocineide. **A Variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT**. Dissertação de Mestrado. Araraquara-SP: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2004.

MACEDO-KARIM, Jocineide. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT**: aspectos linguísticos e culturais. Tese de doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, 2012.

NAVARRO, Ana Maria Mattos & AGUILERA, Vanderci de Andrade. (2009). **Casos de não concordância nominal na linguagem rural paranaense**: traços do português arcaico, influência africana ou indígena? Vanderci de Andrade Aguilera (Org.). IN: Para a história do português brasileiro. Volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL. p.196-222.

TEIXEIRA, José Aparecido. (1938). O falar mineiro. IN: **Separata da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**.